

CADERNOS POÉTICOS E ARTÍSTICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA DISCIPLINA DE DANÇAS

Leila Cristiane Pinto Finoqueto¹
Rafaela da Silva Peixoto²
Mônica Suzana Souza Santos³

Rio Grande, 29 de outubro de 2025.

Esta Carta Pedagógica destina-se, especialmente, aos/às acadêmicos/as que vivenciaram a disciplina de Danças no primeiro semestre de 2025, do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande.

Ao final da disciplina de Danças do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande, em julho de 2025, ficou um desejo de escrever sobre as práticas pedagógicas que foram vivenciadas na referida disciplina. Reverberaram tantos os eventos positivos, quanto os eventos não tão positivos assim.

Este momento fez-se propício para refletir acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo da disciplina. Fizemos isso inspiradas em Freire (1996, p. 50), quando declarava que “ensinar exige consciência do inacabamento”. Ciente da experimentação da docência que muda, que se transforma diante a radicalidade de “ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”.

¹ Pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). cristianefinoquetto@gmail.com.

² Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Educadora social (CBO 5153-05) na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE. rafaelapeixotofurg@gmail.com

³ Pós-graduanda em Especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professora de dança nos segmentos de Jazz e Danças Populares no Instituto Filhos de Aruanda (Ponto de Cultura, Projetos Socioculturais e Ambientais). monicasuzanasss@gmail.com.

Nessa edição da disciplina, tivemos o privilégio de compartilhar a docência entre três professoras (Educação Física e Artes Visuais), sendo uma professora da Universidade e as outras duas, pelos seus vínculos, monitoras voluntárias, de forma integral. Assim, esta Carta Pedagógica está alicerçada por essas seis mãos, pelo próprio processo da disciplina que foi acompanhado por três pessoas com diferentes experiências, olhares, perspectivas sobre a Dança (sendo duas professoras bailarinas de formação) e docências.

Destaque-se o fato de que o exercício de escrita que aqui se apresenta não nasce propriamente da pesquisa, mas sim da práxis pedagógica. E, mais uma vez, encontramos em Freire (1996, p. 29), as razões pelas quais seguimos construindo saberes:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

O planejamento desta edição foi, fortemente, influenciado pela experiência de uma das autoras, professora responsável pela disciplina de Danças, enquanto pós-doutoranda, nos anos de 2024/2025, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Na oportunidade, a supervisora instituiu a ideia de um diário, de um “caderno poético” que não se sustentasse, exclusivamente, na escrita formal ou acadêmica. O caderno era um espaço de reflexões e potências que deveriam ser exploradas por outras linguagens. O caderno consolidou um olhar sobre aquela experiência que ampliou a perspectiva das aulas, muito mais imersiva e intensiva.

Strazzacappa (2021) descreve seu percurso no ensino superior e as estratégias construídas para avaliar processos artísticos, criativos, poéticos desenvolvidos em sala de aula. Revela que suas escolhas passam pela importância de apresentar recursos avaliativos que concluam e deem visibilidade a uma imersão profunda na arte.

[...] adotei o princípio do registro de processos que, ao longo dos anos, já teve várias denominações (caderno de anotações, diário de bordo, portfólio de artista-professor) e formatos (produzido por textos, por desenhos, por fotos e por áudios) (Strazzacappa, 2021, p. 290).

Assim, assumir o caderno poético significou também, reforçar alguns compromissos com a prática docente, investir na construção de saberes que emerge do cotidiano formativo,

no contexto do ensino superior. Desse modo, questionar os/as estudantes acerca dos saberes consolidados a partir de uma experiência formativa, em uma disciplina, no ensino superior, estabelece uma relação de dialogicidade entre aquilo que se propõe e aquilo que se constrói.

Paulo Freire destaca em *Pedagogia da Autonomia*:

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas explicam e seus sujeitos apesar das diferenças, que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 1996, p. 23).

Pelo diferencial em ter professoras acompanhando a disciplina e interagindo, as reflexões também se ampliaram. Desenvolver a docência, por vezes, mostra-se como uma ação solitária, são planejamentos, intenções, expectativas, desejos e interações que produzem efeitos distintos, pois lidamos com pessoas distintas que tem seu histórico pessoal, social, político, intelectual. E, nesse sentido, a docência de que nos fala Freire (1996) não fará sentido se os/as discentes não se sentirem pertencentes ao processo educativo.

Ainda, para contextualizar, faz-se necessário esclarecer que, desde 2024, o curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), após uma reforma curricular profunda, alterou a oferta da disciplina de Danças, passando do sexto semestre (3º ano) para o terceiro semestre (2º ano). Desse modo, na última oferta da disciplina, semestre 1/2025, matricularam-se, aproximadamente, 52 estudantes, entre aqueles/as que se encontravam no currículo em extinção e aqueles/as que se encontram no novo currículo, pós-reforma.

Dessa maneira, diante de uma disciplina com ampliação da carga horária, passando de 60 para 75 horas, algumas estratégias avaliativas foram fortalecidas para investir na importância desse conteúdo na Educação Física. Uma vez que, a dança não se configura num conteúdo palatável para a maioria dos/as acadêmicos/as, mediante, entre outros fatores, a um processo de escolarização que pouco ou nada pautou a dança nas aulas de Educação Física, nem no Ensino Fundamental, nem no Ensino Médio.

Permitindo-nos o movimento e a reinvenção, esta Carta Pedagógica tem como mote principal analisar as percepções dos/as acadêmicos/as acerca da experiência da disciplina de Danças a partir dos cadernos artísticos e poéticos.

No que tange o termo “Carta Pedagógica” estamos nos referindo a um conceito

específico de Paulo Freire, como afirma Freitas (2021, p. 05).

[...] a expressão é publicizada na obra *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (FREIRE, 2000), por meio da qual Ana Maria Freire (Nita) disponibiliza as escritas nomeadas por ele como *Cartas Pedagógicas*, cujo projeto ficou incompleto. Também se faz relevante porque experiências com *Cartas Pedagógicas* são pouco visibilizadas e reconhecidas no âmbito da formação acadêmica.

Ao revisitarmos os autores da história da dança, autores como Paul Bourcier (2001) e Antonio José Faro (2011), percebemos a presença da dança ao longo dos tempos, dos tempos imemoriais à contemporaneidade. Recorrer a esse histórico nos permite compreender a dança como uma atividade humana, produzida pelos costumes e entendimentos de suas épocas, presente na vida cotidiana, nas celebrações, nos rituais sociais, nas relações com os deuses, nas aldeias, nos salões dos reis, na profissionalização da dança. Essa historicidade é apresentada nas primeiras aulas aos/as acadêmicos/as, assim como a pergunta do quanto a dança está presente em suas vidas. A maioria, diz não ter proximidade nenhuma, atrelando a dança, quase que exclusivamente, ao Balé. Para (re)conectá-los/as à evidência mais corpórea e profunda de que a dança não se restringe aos/as profissionais ou aos espaços de dança especializados, citamos eventos contemporâneos, tais como: casamentos, aniversários, Carnaval, Festas Juninas, Danças Populares Brasileiras, encontros sociais, entre tantas outras manifestações.

Identificamos, com o passar dos anos na universidade, a ausência da presença da dança na vida escolar, construindo, por sua vez, uma postura de ansiedade que faz com que o sentimento de ojeriza ou de negação se sobreponha. Não enfatizamos ou investimos nesse sentimento no início da disciplina, pois a primeira tarefa sempre foi de sensibilizar os/as acadêmicos/as sobre a natureza da dança na vida humana, fazendo rupturas com o entendimento, predominante, de que a dança é uma ação alheia ao ordinário. Retomamos essa expressão quando, Gilberto Gil, enquanto Ministro da Cultura (2003-2008) no governo brasileiro, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, declarava que a arte e a cultura fossem ordinárias, da ordem do dia, como feijão e arroz na mesa⁴.

Historicamente, no Brasil, é importante ressaltar que na formação de professores/as em Educação Física, a disciplina de Dança consta como um dos componentes curriculares que fundamentam a inserção de professores/as nas escolas de educação básica. Essa presença,

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/Jnbh2xJtP4M> Acesso em: 28 out. 2025.

por vezes, questionada, mantém-se firme frente aos documentos oficiais como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997); Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018); Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Física (DCNEF, 2018), documentos que reconhecem esse conteúdo como basilar na formação em Educação Física, sem, contudo, ignorar sua estreita e, também, histórica relação com os cursos do ensino superior de Artes Visuais e Dança.

A critério de um breve mapeamento, identificamos os conhecimentos de dança, em caráter obrigatório, expressos nas grades curriculares dos cursos de ensino superior de licenciatura em Educação Física, localizados no Rio Grande do Sul, sob diferentes nomenclaturas, a saber: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Práticas Corporais Expressivas, Práticas Corporais Rítmicas, Jogo e Práticas Expressivas⁵; Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Atividades Rítmicas e Expressivas, Dança na Educação Física⁶; Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Uruguaiana) – Dança⁷; Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Danças⁸; Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – Dança Escolar, Ritmo e Movimento⁹.

Nos estudos de Carvalho (2010), cinco universidades investigadas, todas localizadas no estado de São Paulo, apresentaram distinções em suas nomenclaturas: Fundamentos das atividades expressivas; Ritmo e Expressão; Dança; Atividade rítmica na escola; Ritmo, dança e expressão corporal. Assim, evidencia-se também uma polissemia que não é observada somente no estado do Rio Grande do Sul. Essa breve imersão, deixa-nos uma pista para, em uma investigação futura, compreender os conhecimentos/saberes que compõem essas diferentes nomenclaturas, uma vez que, os cursos de Educação Física sempre estiveram diante de campos de saberes muito mais amplos e aprofundados e que, por tempo e espaço no currículo, apresenta determinados recortes ou aprofundamentos, nisso inclui-se a Dança.

Dentre as estratégias de avaliação propostas, adotamos o caderno de registros poéticos e artísticos. O caderno poderia ser construído por diferentes recursos: desenhos, poesia/poema, recortes, fotografias, colagens. Orientamos que o caderno não se configuraria

⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/site/ensino/graduacao/educacao-fisica/> Acesso em: 28 out. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/educacao-fisica/informacoes-do-curriculo> Acesso em: 28 out. 2025.

⁷ Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/10ubBxiPVibDKOMwZA5ns-wf6Cq2cDskQZVe6bteMdw4/edit?tab=t.0> Acesso em: 28 out. 2025.

⁸ Disponível em: <https://prograd.furg.br/images/Educao-Fisica-Licenciatura-QSL-atualizado-word-marco2021.pdf> Acessado em 28 de outubro de 2025.

⁹ Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/eseef/files/2022/02/PPC-Lic-Diurno-02-JULHO-2019-CORRIGIDO.pdf> Acesso em: 28 out. 2025.

na ideia de portfólio e não teria o compromisso de relatar o que foi desenvolvido nas aulas. O objetivo era que, a partir das aulas ministradas, os/as discentes manifestassem suas interpretações, seus sentimentos, suas dúvidas, suas curiosidades, seus devaneios, suas dificuldades e, por que não, as suas conquistas.

Ao final da disciplina de Danças, em julho de 2025, os/as acadêmicos/as entregaram seus cadernos. Os mesmos poderiam ser organizados/estruturados de acordo com a concepção dos/as acadêmicos/as. Assim, recebemos pastas com folhas avulsas, agendas de telefone, cadernos grandes e pequenos. Nesse sentido, alguns cadernos demonstraram pouca ou nenhuma preocupação com a apresentação do material. Dos 52 matriculados/as, 45 concluíram a disciplina. Todos os 45 cadernos foram lidos na íntegra.

Como processo avaliativo, o caderno compunha 25% da nota total da disciplina. Desse modo, os cadernos precisavam atender aos critérios da avaliação: apresentação adequada do material, uso de linguagens distintas (textos, desenhos, fotos), reflexões acerca das experiências vivenciadas ao longo do semestre na disciplina. Dos 45 cadernos, 19 não apresentavam mais do que vinte linhas escritas ao todo. Continham elogios à disciplina e suas atividades, mas nenhum elemento que induzisse à reflexão ou a relatos de suas próprias percepções/vivências. Nesse grupo de escritas, ficou evidenciado o pouco ou o nenhum apelo que esse tipo de proposta avaliativa impactou nos/as estudantes. Foi uma avaliação que flertou com a ideia de “cumprir tabela” ou tratada como uma tarefa burocrática.

A proposta também não pleiteou a ideia de exigir relato de todas as aulas ministradas. As aulas que iriam para o caderno deveriam estar em consonância com o desejo e/ou interesse em relatar algo, em registrar, em construir um olhar pessoal sobre aquela experiência. Acrescenta-se a isso, a falta de cuidado na construção do material, o qual tinha total liberdade de formato ou composição.

Assim, para este diálogo, 26 cadernos atenderam aos critérios da disciplina e passaram a constituir, por consequência, o corpo analítico deste estudo. Esses cadernos apresentaram conteúdo e/ou exercícios que manifestaram: criações artísticas; criações poéticas; percepções formativas acerca da disciplina, que nos inspiraram e motivaram a escrever esta Carta.

Desses 26 cadernos, elencamos imagens e extratos de textos de 08 cadernos poéticos para ilustrar as análises que se seguem, os quais atenderam com excelência duas ou mais das qualidades expostas acima. Todos/as os/as autores/as foram contatados/as e orientados/as sobre a natureza desta escrita e autorizaram, através da assinatura no Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o uso dos seus nomes nos extratos escritos e/ou imagens, permitindo o uso dos materiais mencionados.

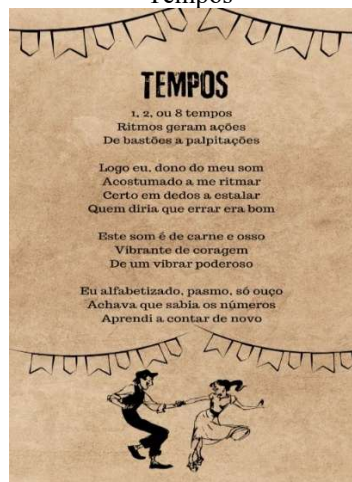
Dentre os cadernos com uma apresentação, ainda que questionável (escrito a lápis, pouco legível), tivemos uma grata surpresa pelo conteúdo. O acadêmico dedicou-se a criar poemas. Dos oito apresentados, transcrevemos dois para cartões digitais confeccionados em aplicativo de celular, disponíveis, gratuitamente, na *internet*:

Imagem 1 – Card poema Gatos no Telhado



Fonte: elaborado pelas autoras a partir da produção discente de Nelson Albarado, Danças, FURG, 2025.

Imagem 2 -Card poema Tempos



Fonte: elaborado pelas autoras a partir da produção discente de Nelson Albarado, Danças, FURG, 2025.

Imagem 3 – Foto Caderno



Fonte: elaborado pelas autoras a partir da produção discente de Marina Enke, Danças, FURG, 2025.

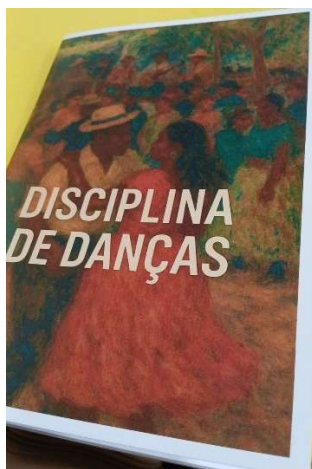
O primeiro poema (Imagem 1), refere-se à aula em que vivenciamos a Dança Jazz a partir da participação das professoras que acompanharam a disciplina como monitoras e que, também, são autoras desta escrita, pois ambas possuem larga formação em dança clássica e Dança Jazz, entre outras modalidades. Assim, planejamos que propusessem vivências lúdicas e criativas de Balé e de Dança Jazz. Dentre os tipos de Dança Jazz, priorizamos o presente em musicais, selecionando, como exemplo, *Cats*. Essa predileção estava articulada ao filme *Os Saltimbancos Trapalhões* que tem a música *A história de uma gata*. Ao final da aula, os/as acadêmicos/as, em grupo, apresentaram suas coreografias, compondo a música em sua totalidade.

O segundo poema (Imagem 2), refere-se à aula em que a proposta foi reconhecer as contagens, os tempos das músicas, identificando o início das frases musicais, a introdução dos instrumentos que demarcavam as mudanças. Ouvimos, coletivamente, diferentes

músicas, utilizando partes do corpo para sinalizar os tempos, ou seja, deixar o corpo perceber, deixar-se levar pelo corpo que reconhece os ritmos, sem a preocupação com a métrica (Imagem 3). Assim, do corpo sensível fomos contando os tempos, depois buscando o início e fim das frases musicais até produzir movimentos que seriam inseridos em uma música bastante ouvida na aula e que permitia a articulação entre o gesto e o tempo. A música selecionada foi *Raça* de Milton Nascimento (1978).

Dentre os 26 cadernos selecionados para diálogo mais profundo, o segundo caderno que se destacou (Imagem 4), foi produzido de forma a superar nossas expectativas. Desde a encadernação, uma capa com a silhueta de homens e mulheres negros/as, o que parece ser em uma roda de samba, com predominância das cores amarela, marrom e vermelha. Na contracapa o desenho de uma Runa (Raido)¹⁰, que simboliza movimento, progresso, transformação. No conteúdo, poemas inspirados nas aulas. Delicadeza, inspiração, produzido artesanalmente, com reflexões e acenos para a possibilidade de produzir arte de diferentes formas na Educação Física.

Imagem 4 – Capa Caderno Poético/Artístico



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da produção discente de Everton Pithan Jr., Danças, FURG, 2025.

Para além das questões que implicavam em uma apresentação poética, artística, criativa, características incentivadas para a construção do caderno, interessava-nos o conteúdo, a escrita, os sentimentos que poderiam emergir após quatro meses de prática

¹⁰ A critério de explicação, de acordo com diferentes sítios da *internet*, de forma sintética, destacamos que as Runas são consideradas antigo alfabeto germânico e viking. São utilizadas, ainda hoje, como oráculo, onde, cada letra, entalhada em diferentes materiais (pedras, ossos, metal), podem ser entendidas como força, sabedoria, entre outras qualidades, presentes na vida humana. Informações obtidas, predominantemente, em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/ja-ouviu-falar-em-runas-saiba-como-utilizar-esse-oraculo-para-obter-respostas.fdedd9c760518a135760b33bbec4de4915w7vdr0.html>. Acesso em: 31 jan. 2026.

docente com uso de metodologias, de recursos didáticos, de práticas corporais, de práticas docentes enquanto discentes.

Assumir os cadernos poéticos remete-nos ao que Freire (1996, p. 32) chamou de “decência e boniteza de mãos dadas”. Trabalhar com dança, no nosso entendimento, abre caminhos, como seres histórico-sociais, às ações “de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos” (Freire, 1996, p. 33). Os cadernos, desse modo, foram compreendidos como reflexões críticas sobre a prática, em um movimento contínuo de formação.

Nesse aspecto, os/as acadêmicos/as, em suas escritas, afirmaram que a disciplina se mostrou surpreendente no sentido de não investir na ideia de construir sequências coreográficas para que eles/as executassem como cópias e/ou repetições. Ou seja, para os/as acadêmicos/as, a disciplina de Danças seria um espaço para dançar, a partir dos estilos, e coreografias pré-produzidas.

Gostei muito da aula, por que me deu uma perspectiva de como trabalhar a dança “pedagogicamente”, fugindo da mesmice de coreografias copia e cola, que foi meu contato com a dança na escola (Discente Amanda Freitas, 2025).

Gostei muito da aula, nunca tinha tido uma vivência assim com dança, conhecia apenas exercícios ligados à coreografia, espontâneo ou espelhado. Acredito que se tivesse vivenciado dança desse modo na escola teria maior consciência corporal (Discente Karine da Silveira, 2025).

No decorrer das aulas, foi dedicada uma noite (4 períodos) para o trabalho com as Danças Populares Brasileiras que envolveu: Frevo, Maracatu, Samba, Carimbó, danças que foram desenvolvidas no projeto de extensão homônimo nos anos de 2015 a 2019, destinado às pessoas da comunidade interna e externa da Universidade.

Imagem 5 – Caderno Poético – Bailarina do Carimbó



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da produção discente, Danças, FURG, 2025.

Essa aproximação articula-se ao Coletivo de Autores (1992), tanto no que se refere ao ensino quanto ao entendimento de dança. Como dito, anteriormente, a presença da dança, na vida cotidiana do nosso país, demonstra uma riqueza fundada nas heranças dos povos originários e dos povos africanos, presentes nas danças elencadas. Ao vivenciá-las e problematizá-las também questionamos o eurocentrismo das danças, os aspectos técnicos e artísticos existentes em quaisquer modalidades, bem como a presença de indígenas e africanos na constituição da cultura brasileira.

Nesse sentido, deve-se entender que a dança como arte não é uma transposição da vida, senão sua representação estilizada e simbólica. Mas, como arte, deve encontrar os seus fundamentos na própria vida, concretizando-se numa expressão dela e não numa produção acrobática (Coletivo de Autores, 1992, p. 58).

Na aula dedicada às Danças Populares Brasileiras foram apresentadas: as características das danças, o histórico, o figurino/vestuário e algumas figuras/passos de referência. Utilizamos, também, como referência extratos do documentário *O Povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro, disponível na *internet*¹¹. Apresentamos uma citação que chamou a atenção em um dos cadernos: “Vivenciamos algumas danças populares brasileiras: Frevo, Maracatu, Samba e Carimbó. Foi uma experiência, pois mesmo eu morando no Brasil, eu não conhecia essas danças” (Discente Desiree Garcia, 2025).

Outro aspecto fundamental emergente das reflexões é a valorização das manifestações culturais. A dança, nesse contexto, é também educação cultural, pois permite vivenciar o Brasil em sua pluralidade. Como defende Canclini (2008), a cultura é sempre uma construção híbrida, resultado de encontros e ressignificações. Sendo assim, uma expressão de memória coletiva e de resistência.

Durante a disciplina, questionávamos como os/as acadêmicos/as estavam sendo atravessados/as pela mesma, como uma dúvida constante se o que estava sendo vivenciado estava fazendo sentido para os/as mesmos/as. Através de um poema escrito por um dos/as acadêmicos/as encontramos alguns elementos que nos levaram a destacá-lo.

Conto aquilo que sinto (ou passei a sentir) em cada aula:
A disciplina de dança me mostrou o quanto o preconceito sobre determinado assunto pode mudar uma vida. Aprendi que dança, não se trata apenas de "saber os movimentos certos", sobre "requebrar", ou tão pouco sobre "fazer Bonito. Dança é escuta do corpo.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yVWUMOGi6h0>. Acesso em: 10 nov. 2025.

É permitir-se mover, mesmo quando a mente hesita.
Dança é linguagem. É fala do corpo quando a boca se cala.
É escuta do mundo quando os ouvidos se distraem. A dança me ensinou a me despir
- não das roupas, mas das armaduras.
A sentir vergonha e superá-la.
A me expressar mesmo com medo.
Este livro não é apenas um caderno de registros poéticos.
É um espelho de um corpo que aprendeu a falar diferente.
(Discente Everton Pithan Jr., 2025).

Nas anotações analisadas, a dança surge como “escuta do corpo” e “expressão que fala quando a boca se cala”. Essas ideias remetem à concepção de que o corpo é um território de saberes, um campo onde se inscrevem memórias, emoções e culturas (Miller, 2012). Ao dançar, o sujeito se reconecta com dimensões esquecidas da própria humanidade, muitas vezes silenciadas pela racionalidade técnica e pela estrutura escolar tradicional.

Como conclusão da disciplina, foi proposto um seminário, no qual os/as discentes teriam que articular suas percepções com as bibliografias indicadas. Apresentamos uma das reflexões apresentadas no caderno poético sobre esse momento:

Avaliar dança?
É como medir o vento:
só se percebe nos rastros.
Mas o aprendizado...
Esse dançou comigo até o fim.
Se aprendi, foi porque me movi”
(Discente Everton Pithan Jr., 2025).

A educação corporal proposta pela dança vai além da execução de passos coreografados: trata-se de uma aprendizagem sensível, que envolve perceber-se no espaço, reconhecer o outro e experimentar o mundo através do movimento. Para a formação de professores/as de Educação Física, utilizamos os dezesseis temas de movimento de Rudolf Laban (1990), considerando que, diante das reduzidas experiências dos/as acadêmicos/as com diferentes estilos de danças, passamos a explorar os conceitos propostos por Laban, o qual se ocupou em identificar e explorar a natureza dos movimentos, dos espaços, do corpo e das dinâmicas, não necessariamente, focado nos estilos de dança, mas nas características presentes em movimentos humanos presentes no cotidiano. Elementos que dão suporte a um trabalho que se queira exploratório e vivencial.

Tal perspectiva dialoga, no nosso entendimento, com Paulo Freire (1996), ao compreender a construção do conhecimento como um ato de liberdade, um processo de descoberta em que o/a estudante não é um corpo a ser moldado, mas um sujeito ativo de sua

formação. Assim, “se aprendi, foi porque me movi” deixa de ser apenas uma metáfora e se torna uma afirmação pedagógica: aprende-se também pelo corpo, através do movimento.

Ao longo da disciplina, a abordagem convidou os/as acadêmicos/as a se deslocarem, saindo da reprodução de passos para criação, da performance para expressão, de aprofundar-se em uma determinada técnica para experienciar novas vivências.

Como umas das potencialidades, apresentadas nos cadernos, os/as acadêmicos/as apontaram como um aspecto positivo, a oportunidade de ministrar uma aula. Como esse momento se fez como um diferencial para os mesmos reconhecerem-se como professores/as.

No início, o nervosismo era inevitável. Estar diante da turma com a responsabilidade de orientar uma vivência trouxe inseguranças, mas também um certo entusiasmo. [...] Essa experiência me mostrou que ensinar também é um ato de criação. Que o corpo fala, sente e propõe. E que, quando há presença e escuta, o movimento ganha potência e sentido, mesmo que nada esteja ensaiado (Luis Sérgio da Silva Jr., 2025).

Para Nóvoa (2019), existem diversas formas de ser professor/a, em todas essas possibilidades o autor defende que é imprescindível compreender a complexidade da profissão em todas as suas proporções. E que a troca de experiências e partilha de saberes fortalecem espaços de formação mútua, nos quais o/a docente é chamado a ocupar o papel de formador/a e de formando/a.

Chegar a este momento de finalização da escrita exige negociar aquilo que os olhos viram, mas também aquilo que não foi visto ou não nos foi permitido ver. A experiência dos cadernos poéticos e artísticos, como atividade avaliativa (pois se fosse uma prática sem exigências de notas, talvez não retornassem), revelou uma quantidade de cadernos que não se apropriou da proposta. Não teriam o que relatar? Não foi significativa a experiência na disciplina? Não lhes interessam os conhecimentos advindos da Dança? Questões que emergiram profundamente, pois ficou evidenciado que aqueles/as que apresentaram os cadernos poéticos com pouca ou nenhuma reflexão não nos permitiram reconhecer os aprendizados, as dificuldades ou as críticas ao processo de ensino proposto. Assim, olhar sobre o que se quer ver, significou mergulhar no primeiro exercício dos cadernos artísticos e poéticos daqueles/as que permitiram o compartilhamento das suas vivências conosco.

Os/As acadêmicos/as manifestaram o total afastamento da prática de danças em todo o seu Ensino Fundamental e Médio. Chegaram à disciplina esperando coreografias prontas e que teriam que repetir os passos ensinados. Desconhecem o trabalho com o subjetivo, com a criatividade e com o próprio corpo. Desconhecem, em grande medida, as danças da cultura

popular brasileira. Desconhecem ou pouco conhecem as danças das regiões do Brasil onde não residem.

Navegar nos cadernos selecionados também foi um exercício de nos revisitarmos, pois mesmo não solicitando uma descrição daquilo que foi feito nas aulas, os/as acadêmicos/as ao nos verem ensinando/aprendendo, problematizaram nossas práticas pedagógicas, nossa didática, nossos cuidados e exemplos. Foram possíveis algumas rupturas, a quebra de alguns preconceitos, a possibilidade de se verem proponentes desse conhecimento. A disciplina foi, predominantemente, teórico-prática. A historicidade da dança foi vivificada pelos corpos dos/as acadêmicos/as. Recorremos a muitas outras estratégias para fazer “a escuta do corpo” como nos diz Jussara Miller (2022). Não foi ao acaso que essa frase surgiu em alguns dos cadernos, pois nossa prática pedagógica persegue a sensibilidade, a presença, a criatividade, o subjetivo, o ritmo, a dança como um patrimônio da humanidade.

Em nosso contexto local, a dança persiste no campo do extracurricular, dos projetos sociais, do esforço de coletivos. Entretanto, institucionalmente, apesar de toda a legislação vigente, da formação de professores/as, dos avanços acadêmicos e científicos (grupos de trabalhos temáticos, congressos, associações, autores e autoras), a dança não acessa os corpos de crianças e de adolescentes na educação básica quando reivindicamos o espaço curricular.

Trazer os cadernos poéticos e artísticos para discussão e análise é um ato de reinvenção, de questionamento e de projeção. Pois, nossos planos de ensino, ao longo dos anos de docência, não se pretendem amarelar pelo tempo, pela sua repetição. Exercemos a docência pela “convicção de que a mudança é possível [...] A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade” (Freire, 1996, p. 77). E, assim, a projeção é necessária para vislumbrar um futuro no qual culturas, danças, livros, poesias, artes sejam tão ordinárias quanto o nosso arroz e feijão de todo o dia.

Como primeiro exercício de construção de uma Carta Pedagógica, sua construção encontrou sentido na alegria de lermos e encontrarmos nos relatos dos cadernos: profundidades, as linguagens utilizadas, as reflexões, os sentimentos, qualidades que nos animaram a escrever esta Carta. Por ora, esta escrita que apresentamos reveste-se num convite-presente aos/às nossas/as generosos/as discentes que aceitaram participar desta escrita. Convite, pois se faz necessário continuar pensando a presença da dança na Educação Física, seus dilemas, seus obstáculos, mas também as suas potências. Presente, pois ao recebermos cadernos poéticos construídos com intenções, intensidade, reflexões, entre outras

qualidades, permitiu-nos fortalecer e validar o Caderno Poético/Artístico como um instrumento avaliativo. Strazzacappa (2021, p. 282) questiona, “[...] quando tanto produto quanto processo não é algo palpável, pelo contrário, é algo efêmero, passageiro, em movimento? E que, ainda por cima, ocorre no/com o corpo daquele que produz? Como avaliar sem julgar?”. Pois talvez, queiramos, visceralmente, captar, agarrar, perseguir aquilo que vemos tomar forma na formação de professores/as, ao longo do desenvolvimento da disciplina de Danças.

A caminhada que se abriu no nosso horizonte nos exigirá o diálogo permanente, possibilitando que nossas ações sejam construídas, coletivamente, no fazer cotidiano, para que possamos ampliar e potencializar as Cartas Pedagógicas na formação no ensino superior, percorrendo as vicissitudes do fazer-se docente-discente.

Palavras-chave: Cadernos Poéticos; Educação Física; Dança; Formação de professores; Cartas Pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 6, de 18 de dezembro de 2018**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Brasília: CNE, 2018.
- CARVALHO, Joselene Maria Manguiera. **A dança nos currículos dos cursos de educação física: uma análise documental**. 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BOURCIER, Paul. **História da dança no ocidente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FARO, José Antonio. **Pequena história da dança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo**

Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 11, p. 1–20, 2021. DOI: [10.35699/2237-5864.2021.35283](https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.35283). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?** Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**: sistematização da técnica Klauss Vianna. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 2022.

NASCIMENTO, Milton. Raça. *In*: **Milton**. Composição: Fernando Brant e Milton Nascimento. Los Angeles: A&M Records, 1976. 1 faixa (3min 35s).

NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. e84910, 2019.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STRAZZACAPPA, Marcia. Criação e avaliação em arte na formação de professoras. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2021. DOI: [10.22456/2357-9854.117502](https://doi.org/10.22456/2357-9854.117502). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117502>. Acesso em: 31 jan. 2026.